

O SILÊNCIO: POSSÍVEIS LUGARES E SIGNIFICAÇÕES

Wanderson Fernandes Fonseca (UEMS/ UCG)
wandersonviol@hotmail.com

Miguél Eugenio Almeida (UEMS/UCG)
mealmeida_99@yahoo.com.br

**Era um silêncio esquisito
imenso, sem cabimento,
lançando lenços aflitos,
aumentando, dando gritos...
descompondo o próprio tempo.**

(Altair de Oliveira)

1. Considerações iniciais

Diversas teorias do silêncio, surgidas ao longo dos anos, têm tratado este objeto de distintas maneiras. Não é, contudo, objetivo deste artigo debruçar-se sobre tais teorias, debater com elas ou mesmo estabelecer um conceito definitivo sobre este objeto. Embora uma tentativa de definição seja proposta, fazemo-lo mais como exercício do que como parecer de teorização filosófica. A proposta presente é, antes de tudo, estabelecer um diálogo com alguns autores que, sob óticas diferentes, deram alguma atenção ao presente tema. Apesar da cautela em apresentar uma definição, pontuamos algumas concepções de silêncio, a fim de se poder trabalhar com elas.

Além dessas concepções, discutimos possíveis posições, no interior ou fora da linguagem, onde o silêncio se instala, e sua função em cada uma dessas posições.

Alguns textos fazem-se presentes no trabalho por terem auxiliado na discussão proposta. O texto “Poesia resistência”, em *O ser e o tempo da poesia* de Bosi (2000), que contém considerações relevantes sobre o poder do homem para nomear as coisas, conferindo-lhes sentido através desta nomeação, Bosi usa esta concepção para conferir à poesia este poder de nomear as coisas, ações e/ou sentimentos através da escolha de palavras.

Considerações semióticas e semânticas, no âmbito da filosofia, sobre o silêncio puderam ser abstraídas do texto *Silêncio e palavra* de

Sciacca (1967).

No domínio da teoria literária, Teles, em *Retórica do silêncio* (1989), também contribui grandemente ao esboçar possíveis falhas no discurso; e, conseqüentemente na palavra, onde estaria então instalado o silêncio.

Postas as primeiras apresentações do trabalho, passamos então à discussão dos teóricos e ensaístas apresentados, pontuando também nossas próprias considerações sobre o tema.

2. Tentativa de definição conceitual e de posição do silêncio

Teles (1989) considera que o silêncio (o fonema) é dotado de sentidos que tem sabedoria “tanto por dentro como por fora”, ainda sobre esta concepção, diz o autor:

Não propriamente a sabedoria do calar, do não dizer por já haver dito tudo, por não ter nada mais que dizer. Mas a sabedoria do que não foi dito, do que ficou à margem ou talvez no centro, o que por ser mais denso não pôde subir à superfície do rio da linguagem. (TELES, 1989, p. 13)

Isto porque este autor faz uma alegoria da linguagem com um rio “cujas margens recobrem a linguagem literária” (*Idem, ibidem*, p. 18), as palavras, nesta concepção, seriam apenas a superfície do rio. Em suas profundezas, oculto, estaria o silêncio, denso demais para subir à superfície e se materializar em forma de palavras. A sabedoria do que não pode ser dito.

Paulo, em sua viagem de arrebatamento (II Cor. 12:2-4), não pôde descrever as maravilhas que viu e ouviu no terceiro céu. As palavras não lhe bastaram para descrevê-las; assim, a linguagem, que permite o conhecimento, onde o mundo é descrito e/ou criado, não pôde descrever um estágio elevado da alma (o paraíso), mesmo que lhe tenha permitido alcançar este estágio, restando o silêncio. O silêncio dotado de sentido. Qualquer descrição que se tentasse fazer poderia cair na banalidade do senso comum. Quando faltam as palavras, resta dar espaço ao silêncio, deixar que ele descreva o que a imaginação não pode traduzir em linguagem comum. As ondas correntes do rio não podem revelar suas profundezas. Sobre o sentido atribuído ao silêncio, o filósofo considera:

Da mesma forma não há silêncio sem sentido; aquilo que não tem sentido é “mudo”, mas não silencioso. Nem todos os silêncios são traduzíveis em palavras (sons articulados, cores, notas musicais), embora seja verdade que toda

palavra nasce do silêncio e traduz um silêncio. (SCIACCA, 1967, p. 21)

O autor, ao distinguir o que é “mudo” do que é “silencioso”, confere sentido ao espaço vazio entre uma palavra e outra, entre uma elocução e a resposta; à pausa musical, que separa um tema de outro; ao espaço onde as cores se encontram e àquele onde terminam. Considera a impossibilidade de substituir essas pausas por notas, cores ou palavras; de anular o silêncio.

Segundo Teles (*apud* LIMA, *ibidem*, p. 19), Lima teria entendido o silêncio “como uma não linguagem, que circunda o círculo da linguagem” seria, portanto, marginal à linguagem, circularia por fora dela. Na reflexão aqui apresentada, a ausência da linguagem, no entanto, anularia o efeito filosófico do silêncio, reduzindo-o à ausência de linguagem (e, por extensão, à ausência de pensamento, considerando que este se dá através de palavras). Consideremo-lo, portanto, como Teles, (*ibidem*, p. 19) “não em torno da linguagem, mas dentro dela”, isto é fazendo parte do ato de descrever ou de pensar o mundo. Como parte essencial do discurso, da fala. Para Sciacca (1967, p. 22) “O silêncio é palavra, infinitas palavras; é mais que cada palavra, que todas as palavras”; considerando que as palavras são dotadas de sentido, e que são uma linguagem; a afirmação “o silêncio é palavra” provê o silêncio de sentido, e fá-lo também ser linguagem. Uma linguagem inteligível e traduzível. Ainda, segundo este filósofo, o silêncio não serviria apenas para pensar, refletir, meditar ou para contemplar, mas também para ser ouvido, “também se ouve o silêncio, em silêncio”. Seria, portanto, parte indissociável e dotada de sentido do discurso.

Assim, inserindo o silêncio no interior do ato discursivo, filosófico, ou nominativo/criativo, consideramo-lo também como ação, como o Verbo inicial, sem o qual “nada do que foi feito se fez” (João, 1:3). É ação inclusive no ato de submissão a que o apóstolo relega a mulher, determinando que esta “aprenda em silêncio” (I Tm. 2:11). O ato passional presente não deixa de ser ato, uma vez que lhe é dirigida uma ordem, caso contrário a ordem poderia ser dirigida somente ao homem – “ponha sua mulher em silêncio e ensine-a”. Sciacca também considerou o silêncio como ação, uma ação que suplementaria a insuficiência da palavra.

Falar do silêncio [...] É esforço para “capta-lo” e “compreende-lo” nesta ou naquela palavra, sempre insuficiente: presa desfribrada e de medida curta. Há silêncios que falam mais do que palavras; há palavras que não dizem nada. (SCIACCA, 1967, p. 22)

Considerando a palavra insuficiente para dizer tudo o que é neces-

sário ser dito, para este autor o silêncio auxilia-a, diz junto com ela, às vezes toma a frente e é apenas auxiliado por ela. Superando a concepção adjutória do silêncio, este não apenas suplementaria a palavra, mas agiria junto, par a par, sendo tão significativo quanto ela.

O teórico da literatura (1989) afirma que desde Homero já seriam conhecidos os recursos “de não encontrar palavras para exprimir a grandeza do assunto” (TELES, *op. cit.*, p. 16), considerando assim a insuficiência das palavras para compor uma linguagem, que necessitaria de intercalações com o silêncio. Não há de ser confundido, contudo, a insuficiência da palavra com a impossibilidade de linguagem. A linguagem está presente e se faz sentir, mesmo na ausência de palavras, através do silêncio. A *reticência*, por exemplo, seria uma ferramenta de materialização do silêncio.

Assim, colocada a presente concepção de silêncio, dividimo-lo em três fases mais ou menos distintas: o silêncio antes da palavra, aquele que antecede o Verbo criativo, e no qual tudo que existe é o nada, uma vez que nada ainda foi nomeado. Vejamos Teles:

Para a mitologia mais primitiva (a sumério-babilônica, por exemplo) as coisas só tinham existência quando os deuses pronunciavam o nome delas [...]. Sair do silêncio é criar, isto é, começar a organizar um universo na linguagem. (*Idem, ibidem*, mesma página).

No Gênese, Deus criou as coisas, mas o conhecimento destas veio apenas quando o homem as nomeou. Através da palavra, criou as coisas genéricas; então, por meio da nomeação, elas foram adquirindo caracteres particulares; e diferenciando-se umas das outras, assumindo sua verdadeira natureza. O uso dos nomes, neste caso, representou a saída do estado de caos, quando “a terra era sem forma e vazia” (Gên. 1:2). Segundo Bosi (2000, p. 141) “o poder de nomear significava para os antigos hebreus dar às coisas a sua verdadeira natureza, ou reconhecê-la”, isto é, tirá-las da sua condição anterior ao nome, condição de desconhecimento, de silêncio.

Ainda, o teórico da literatura afirma que (TELES, *op. cit.*, p. 16) “Na mitologia latina, o Silêncio é uma divindade alegórica, representada na figura de um jovem com o dedo sobre a boca”. Ou seja, era uma divindade dos lares, cuja harmonia seria alcançada pelo equilíbrio entre a fala e o silêncio. E, aqui, podemos falar da segunda fase deste, o silêncio não mais anterior, mas já inserido no ato discursivo, o silêncio “entre falas”. Nesta função, adquire importância retórica (ciência do discurso, do

bem falar). Uma interrupção na fala que, tanto quanto esta, é dotada de sentido. Vemo-lo (*Idem, ibidem*, p. 15) “como uma não palavra, evocadora de efeitos de suspense”, ou ainda como (*Idem, ibidem*, mesma página) “o som e o não som, a música da fala e a pausa melodiosa de outra fala em perspectiva”. No momento que é preferível calar a continuar falando, numa interrupção de pensamento, este autor ainda considera o impacto gerado pelo silêncio inesperado:

Não exteriorizando o pensamento, interrompendo-o no momento adequado, substituindo a frase pelo silêncio inesperado, cria-se um impacto de hesitação e emoção que envolve afetivamente o leitor. Assim, na ausência de signo verbal outro signo se impõe: o do silêncio. (*Idem, ibidem*, mesma página)

Seja para fazer esta pausa proposital ou simplesmente por (*Idem, ibidem*, p. 16) “não encontrar palavras para exprimir a grandeza do assunto, não conseguir dominá-lo”; e, no segundo caso, operando como o signo semiológico *reticência*. O silêncio está colocado entre o ato das palavras, operando como agente de reflexão, entre o que já foi dito e o que ainda está para se dizer; ou como agente de afirmação sobre o que está sendo dito, principalmente quando opera como “suspense” como dito acima; ou simplesmente como uma pausa necessária para contemplação do que está sendo apresentado.

Se existe antes das palavras e no meio do discurso, o silêncio não poderia deixar de existir também após estes atos de linguagem. Este é o silêncio de contemplação, o após o tudo, o silêncio que foi feito no céu depois de aberto o sétimo selo (Ap. 8:1), depois de tudo o que tinha que ser feito, já ter sido feito. Depois de não haver mais nada para dizer ou para fazer, resta contemplar a obra, em silêncio se esta é grandiosa. O silêncio do teatro ao fim de uma grande peça ou concerto, antes que o maestro se vire para a plateia e irrompam os aplausos finais. Este, tanto pode ser um silêncio embasbacado, de pura contemplação, ou, indo além, ser o silêncio do entendimento, da epifania, da compreensão, um estágio da sabedoria. Tudo termina em silêncio. Continua o estudioso:

Falamos no silêncio como um espaço de possibilidades e vimo-lo como um rio cujas margens recobrem a linguagem literária, tanto da crítica como da literatura propriamente dita. Atingir a profundidade do silêncio é deslizar-se por um plano inclinado que, a partir da língua e passando pela Retórica, vai dar no silêncio maior, onde deságuam todas as ideologias, como no mar de estórias da literatura indiana. (TELES, *op. cit.*, p. 18)

A conclusão do teórico eleva o silêncio a um grau de mistério, o qual apenas um mergulho neste “rio da linguagem”, pode revelar seus segredos. Mas a contemplação destes segredos, embora tenha a palavra

em seu estágio intermediário, termina também em silêncio.

A parada final figura, para Sciacca, como um momento adiado sempre que possível pelo homem que, entrando num *dancing*, entra num estado cômodo de ausência do silêncio. Ausência também de necessidade de pensar. Esta ausência para o filósofo é:

Cômoda até o momento em que o tédio ou a náusea nos aferram a garganta e nos impõem aquele salutar ou moral instante de parada, o momento do silêncio, pairando entre dois abismos do todo e do nada... (SCIACCA, *op. cit.*, p. 23)

O comodismo referido pelo filósofo refere-se ao comodismo da falta de reflexão, o comodismo de quem se esconde no tumulto barulhento do dia-a-dia para “não pensar”. Este estágio, no entanto, é quebrado no final, quando tudo já foi dito, ou já aconteceu. A imagem dos abismos, evocada pelo escritor, remete ao momento final de uma batalha. Na expectativa de uma vitória ou de uma derrota, quando, apesar de ter-se tentado fugir dele até então, o silêncio agora se impõe, imponente e ameaçador. Não é mais uma opção, é o desfecho.

Teles fala predominantemente da linguagem literária. Sciacca é mais abrangente, fala da linguagem como um todo. Empregamos ambos os estudos para uma concepção da linguagem como um todo, seja ela literária, pictórica, musical, filosófica, criativa ou representativa.

3. Considerações finais

Busca-se na presente discussão responder a algumas questões sobre o silêncio e seu significado, bem como entender onde este estaria inserido no âmbito da palavra em seu uso. Entender o papel semântico do silêncio é auxiliar no entendimento do próprio discurso ou arte nos quais esteja inserido, bem como na contemplação ou na reflexão sobre tais atividades que este pode trazer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2007.

BOSI, A. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

SCIACCA, M. *Silêncio e palavra*. Porto Alegre: UFRGS, 1967.

TELES, G. M. *Retórica do silêncio I: teoria e prática do texto literário*. 2. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.